

Família e escola *parceiros ou rivais?*

Texto: Rita de Biagio
Fotos: Iolanda Huzak

A professora Rosely Sayão responde a professores. Ela propõe que a relação entre escola e família seja repensada, no sentido de construir uma nova parceria em prol de uma educação democrática, que tenha em vista a autonomia e a cidadania.

Qual a diferença na aprendizagem do aluno cuja família frequenta a escola e a do aluno cuja família não frequenta?

Maria Nazaré da Silva Santos
Maceió/AL

Há mais de um aspecto nessa questão, pois depende do motivo que leva a família à escola. A escola tem um projeto pedagógico, uma filosofia educacional, e em geral discute isso com os pais, em reuniões. No entanto, muitas vezes os pais são chamados com grande frequência só para falar dos problemas que o aluno apresenta e, nesse caso, nem é preciso a presença constante da família, que deve confiar na competência da escola para resolver os problemas de comportamento ou as dificuldades do aluno. Mas o pai que frequenta as reuniões pedagógicas e acompanha a proposta da escola, este sim pode ajudar, e muito. Sua presença é um sinal de seu interesse, e ao incentivar o filho a ir à escola, insistir para que vá todos os dias, organizar o tempo para que estude, está de fato ajudando. O resto é com a escola.

Você concorda que a chamada à família para participar da educação escolar da criança expõe a fragilidade da própria instituição escolar, da própria família?

José Luciano Ferreira de Almeida
Curitiba/PR

A questão é bem complexa, porque muitas vezes fica difícil estabelecer a linha divisória entre o que é público e o que é privado. A escola é um espaço público, a família é um espaço privado. A escola não deve invadir o espaço da família, mas

o contrário também não pode acontecer. A família é o lugar da unidade, da continuidade; a escola, o lugar da diversidade, da diferença. Nem a família, nem o professor devem ter medo de expor suas fragilidades — todos nós as temos. Se a escola tiver um plano de trabalho bem estruturado, não há o que temer: o professor terá a possibilidade de contar com algum colega para superar as eventuais inseguranças.

Para entrevistar a professora Rosely Sayão a respeito do relacionamento entre a escola e a família, enviamos um e-mail aos coordenadores da TV Escola de todo o Brasil, convidando os professores a formular perguntas. Recebemos cerca de duzentas mensagens, vindas de todas as regiões, e vimos que seria impossível contemplar o amplo espectro de dúvidas e inquietações. Assim, fizemos uma seleção, procurando nos concentrar nas questões que se mostraram mais presentes nas preocupações dos educadores.

Qual seria o verdadeiro papel do professor na família do aluno?

*Merelice Marinho Bispo e Lenimar Cecconello
Guaraí/TO*

O professor não tem papel na família do aluno, mas sim *com* o aluno. Se esse papel com o aluno for esquecido, o professor acaba investindo energia e tempo em algo para o que não tem competência profissional, e esvazia seu papel legítimo. O que ele precisa é cumprir bem seu papel de professor, que na verdade é duplo: transmitir conhecimento e formar o cidadão. Mas isso ocorre simultaneamente. De que adianta ensinar português, geografia, matemática, se isto não está vinculado ao exercício da cidadania? Por exemplo: se numa classe de trinta alunos a maioria se submete a uma minoria ruidosa, um grupinho de seis ou sete, e o professor se concentra no grupinho e deixa de lado a classe, ele está praticando uma educação autoritária. Ele deve trabalhar com a classe toda, responsabilizar todos. Isso é uma educação democrática. Ela supõe que comecemos o jogo colocando as cartas na mesa, explicitando os direitos e deveres dos alunos e do professor. É muito mais difícil, pois supõe uma discussão exaustiva e muita conversa com os alunos. Mas o resultado é bem melhor.

O que fazer quando a família não dá continuidade ao processo de formação de cidadania que a escola desenvolve?

*Luzia Magna de Alencar Saraiva
Crato / CE*

O melhor a fazer é enfatizar mais ainda a formação dada na escola: o que o aluno aprender ali, ele irá levar para casa. Antigamente, tanto a escola quanto a família eram autoritárias, e ninguém pensava na relação da escola com as famílias. À medida que foi sendo valorizada a individualidade das crianças, a escola começou a chamar os pais, buscando conhecer

um pouco mais seus alunos. Estabeleceu-se uma relação às vezes identificada como parceria que, com frequência, se manifesta muito mais como rivalidade. E os papéis foram se confundindo. Hoje podemos pensar em uma educação mais democrática, e às vezes não sabemos o que fazer. Esse modelo precisa ser construído na prática, nas ações do dia-a-dia.

Até que ponto o educador pode interferir na conduta familiar? Cabe a ele dizer à criança que os pais estão agindo de forma incorreta?

*Nádia Maria Queiroz
Taguatinga/DF*



De jeito nenhum. Primeiro, porque o professor não tem condição de avaliar se os pais agem da maneira certa ou errada. Cada família é uma célula, com sua própria identidade, que não cabe a nós avaliar, ou julgar. O professor não tem competência sobre educação de filhos, ele tem formação para educar alunos. Se o professor fosse especializado em educação de filhos, nenhum filho de professor teria problema... Nós precisamos ter humildade no trato com as famílias. Os pais já foram educados, não é o professor que vai educá-los. Escola e família têm um objetivo em comum: educar aquela pessoa, aluno e filho, em uma relação de cooperação, não de rivalidade. É nisso que reside a parceria.

Muitas vezes deparamos com uma criança-problema e descobrimos que a causa maior está na família. Como resolver isso, se os pais dificilmente têm tempo para dedicar à vida do filho ou vir à escola?

*Ildelúcia Noronha
Montes Claros/MG*

A escola tem a excelente chance de oferecer uma outra possibilidade a essa criança, e ao fazer isso já está ajudando muito. Se for se envolver com a família, perde essa chance. A família deu um grande passo, ao colocar o filho na escola. O pai ou a mãe faz o que pode; eles têm sua vida, a escola

não vai conseguir mudá-los. Em educação, nós trabalhamos com a possibilidade de um futuro. Devemos pensar o tempo todo na criança, no aluno, e lembrar que a escola é o lugar da diversidade. Sempre haverá pais que participam mais e outros, menos. A escola tem a obrigação de trabalhar o coletivo, sem ressaltar as diferenças, ajudar os alunos a aprender que é preciso se respeitar e respeitar o grupo.

Como a escola pode estimular a participação das famílias nas lições de casa dos filhos e nas atividades extraclasse (entrevistas, pesquisas etc.)?

Francisca Pinheiro de Souza Borges
Teresina/PI

Para a lição de casa ter sentido, é indispensável que a criança consiga fazê-la sozinha. Se ela precisar da ajuda dos pais, a escola estará apostando na dependência, e não na autonomia. Mas os pais também têm seu papel. A criança não é capaz de dar conta sozinha de todas suas responsabilidades, prefere brincar a fazer lição. Cabe aos pais estabelecer a hora de fazer a lição de casa, ajudar na organização, cobrar... Mas não é seu papel sentar ao lado, ou mesmo ajudar a fazer a lição.

Os pais que são analfabetos têm condições de ajudar na aprendizagem das crianças? Como?

Maria Lúcia Duarte
Campinas/SP

Eles já ajudaram, ao colocar o filho na escola. Só o ato de colocar o filho na escola condensa toda a vontade dos pais de que o filho seja melhor do que eles. Mesmo um pai analfabeto tem uma carga de saberes que troca com o filho. Ele passa informações a respeito de seu trabalho, das pessoas que trabalham com ele, dos materiais que usa, da importância social de sua atividade, de sua história de vida... Isso já é o bastante, e promove a interação entre filho e pai, e dos dois com a escola.



A TRAJETÓRIA DE ROSELY SAYÃO

Psicóloga e professora, a paulistana Rosely Sayão dá consultoria a escolas, educadores e pais sobre a educação de crianças e adolescentes, participa de grupos de discussão, e ainda escreve na imprensa sobre o assunto. Convicta de que é pela via da educação que se produz um outro modelo de civilização, Rosely Sayão trabalha com formação de jovens e de educadores sobre vida sexual, prevenção da gravidez indesejada e DST/AIDS, relação entre a família e a escola e o papel do professor na formação cidadã de seus alunos. Publicou os livros *Sexo é Sexo*, para jovens e adultos; e *Sexo: prazer em conhecê-lo*, para adolescentes.

A participação das famílias na escola está ainda muito relacionada a questões informativas e/ou festivas. Que situações podem ser criadas para que de fato as famílias participem do processo pedagógico?

Nelci de Fátima Medeiros Carvalho
Rio Branco/AC

O processo pedagógico é da competência da escola. Os pais não têm curso para serem professores de seus filhos, mesmo se forem de fato professores. A parceria importante da família com a escola é no sentido de estimular a criança a se envolver ativamente na vida escolar, a ter curiosidade por aprender e interpretar o mundo. Por que o aluno vai para a escola? Com frequência ele diz “porque meu pai manda”, isto é, não é algo de seu interesse. Cabe à escola transformar esse impulso em um gosto pelo saber e pela própria escola, permitir que o aluno entenda o sentido de saber fazer contas de dividir e multiplicar, escrever bem o português. Mas um sentido prático para sua vida. Ao achar que os pais precisam ajudá-lo no seu trabalho, o professor diminui sua própria responsabilidade. Quando um professor encontra uma dificuldade, ele logo pensa “por mais que eu ensine, esse aluno não aprende”, em vez de imaginar que talvez seu método, ou seu plano, esteja equivocado. Ele responsabiliza o aluno ou a família, não se interroga. O mau desempenho dos alunos é responsabilidade do professor, muito mais do que ele imagina. Isso pressupõe que ele mude sua postura diante do conhecimento, admitindo que sua responsabilidade social é imensa. 🔄